

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE SETEMBRO DE 1880

VOLUME III — N.º 66

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



JUDITH — Escultura de Simões d'Almeida, pertencente á sr.ª condessa d'Edla (Segundo uma photographia de H. Nunes)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — D. Adelardo Lopez de Ayala e D. João Eugenio Hartzenbusch, B. C. — As nossas gravuras — D. Luiz de Athaide, BRITO REBELLO — A custódia do convento dos Jeronymos, BRITO REBELLO — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Que triste fim!... ALBERTO BRAGA — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, Judith, escultura de Simões d'Almeida — A Tabella das Multas, quadro de M. de Macedo — D. João Eugenio Hartzenbusch — D. Adelardo Lopez de Ayala — O frontão do novo edificio dos paços do conselho de Lisboa — Marinha de guerra portugueza, o Fulminante, barco para o lançamento de torpedos — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, em Corroios, paisagem, quadro de H. Pinto. — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

A noticia, para nós e para os leitores do OCCIDENTE, predominante da quinzena, é uma noticia triste, partiu para Paris Guilherme d'Azevedo.

A estas horas tem elle já corrido todo Paris, com aquella febre de locomoção que o não deixava estar parado n'um sitio mais de cinco minutos.

A gente estava a fallar com elle muito bem, de repente olhava, era uma vez Guilherme d'Azevedo. Desapparecia com muito mais rapidez que os feiticeiros das magicas portuguezas.

Em elle dando uma reviravolta sobre os calcanhares com um sorriso distraído e a fazer equilibrios estravagantes com a sua bengala delgada, era sabido: elleahi ia.

Da ultima reviravolta foi até Paris.

Agora deve elle já lá andar muito espantado, muito aborrecido, por não encontrar, ali, ao pé da Havaneza o Raphael Bordallo.

E depois hade lhe fazer muita falta á meia noite as torradas e o Valentim do Martinho, aquellas torradas e aquelle Valentim que eram ha muitos annos, a sua ceia permanente e invariavel.

Torradas ainda elle lá poderá encontrar mas Valentim... Valentim ha só um no mundo e esse, temol-o nós no nosso seio.

É uma grande falta em Lisboa a de Guilherme d'Azevedo, falta na imprensa, porque ha pouco entre nós quem tenha aquelle feitio litterario essencialmente moderno, a vorve profundamente humoristica, muitas vezes caustica, nunca grosseira, a observação justa, frisante, rapida, esse talento especial e indispensavel ao chronista, de apanhar logo qualquer acontecimento pelo seu lado comico, descobrir no primeiro olhar o calcanhar de todos os Achilles, e saber ter sobre todos os factos o primeiro *mot* e ao mesmo tempo a ultima palavra: falta na conversação, porque trazia para ella, permanentemente, todos estes raros dotes de chronista parisiense, realçados então pela maneira estranha, originalissima, de dizer a phrase, de commentar o facto e por uma bonhomia franca, que tirava ao seu humorismo o tom aggressivo, que ás vezes lhe davam as tintas da impressão; falta na vida intima porque poucos corações ha tão dedicados e tão cheios de bons sentimentos como o d'elle porque não ha espirito mais leal, e caracter mais honrado, direito, digno e serio.

Era uma perfeita perola, aquelle excellente rapaz, alegre companheiro, e notabilissimo humorista, a vida agitada, ampla, complexa, de Paris vae-lhe fornecer assumpto vasto para elle dar largas ao seu brilhante espirito, que mesmo esmagado pela estreiteza dos limites moraes da nossa sociedade, sabia tirar da vida acanhada e monotona de Lisboa, scintillações luminosas e radiantes.

Guilherme d'Azevedo partiu na segunda

feira da semana passada para Paris, no dia immediato a dois grandes acontecimentos de Lisboa, as eleições e a peça chinesa.

— Levo para Paris, dizia Guilherme d'Azevedo já dentro do comboyo, a recordação de duas grandes manifestações nacionaes. Na arte — a representação do Yo-cheou, na politica a eleição do sr. Simões Carneiro.

— Tem agitado extraordinariamente a opinião publica e a imprensa de Lisboa a prohibição das pegas nas toiradas. Eu, francamente sou contra a abolição das pegas, porque o que acho de selvagem e brutal nas touradas não são as pegas são simplesmente as proprias touradas.

Mas no meio de tudo isto o que me parece estranho é que a grande indignação do publico e da imprensa contra as pegas e contra as toiradas fosse originada unicamente pela morte de dois forcados.

Em primeiro logar os forcados não morreram, pelo menos oficialmente, das pegas. As certidões d'obito dão, segundo me dizem, um como morto d'uma doença antiga e chronica, o outro morto d'uma congestão que sobreveio a uma indigestão de pepino.

Ora não comprehendendo como por um homem morrer d'uma indigestão de pepino, se prohibem as pegas. A logica, e o simples bom senso, mandaria, a ter de prohibir alguma coisa, prohibir simplesmente os pepinos.

Mas que esses dois homens morressem ou não das pegas, o que temos nós com isso.

Os forcados são uns sujeitos que no uso do pleno direito de avaliar como entenderem a sua vida, e como os melhores mais competentes avaliadores que ella pôde ter, a avaliam em quatro mil e quinhentos réis.

Por este preço esses homens vão muito contentes, por sua livre e expontanea vontade, lançar-se nas armas d'um touro. É um duello desigual porque o homem vae ali voluntariamente, porque quer ir, e o boi vae levado, sem ninguem lhe perguntar se elle quer ou não ir-se bater com o sr. José Saloio, ou com o sr. Manuel da Charneca.

Se o homem indo bater-se com um animal feroz, passa a ser tambem animal, a culpa não é nossa. Uma vez ou outra o touro vence. Não temos em boa e imparcial justiça senão que applaudir o touro, como quando elle é vencido applaudimos o seu adversario victorioso.

O forcado morre n'esse duello... Não temos nada com isso: não fosse lá, ninguem lá o mandou, nem mesmo a necessidade, porque o forcado é por sua profissão um homem robusto e forte que tinha muito mais em que applicar os seus musculosos braços e o seu tempo, do que em andar a expôr inutilmente a sua vida na lucta estúpida, improficua, selvagem, e immoral com os touros.

Elle arrisca a sua vida por uma libra, e alguns charutos de vintem; para este preço não temos lagrimas na nossa sentimentalidade.

E depois ha uma coisa muito curiosa, muito original.

Os touros tem morto, atropellado, esburacado ahi pelas ruas da cidade, e pelas azinhagas proximas, uma immensidade de gente pacifica, que recolhia para sua casa, dava o seu passeio ou ia para o seu trabalho; e nunca a indignação de Lisboa clamou contra as touradas. Agora morrem dois homens, que fazem profissão de forcados, que vão expôr todas as tardes as suas vidas, porque entendem que ellas não valem mais do que o dinheiro que lhes dá o empresario das touradas, e a compaixão, a sensibilidade, publica, põe-se a chorar sobre esses cadaveres, lagrimas ardentes e artigos longos e indignados.

Francamente, não comprehendendo estas lagrimas, nem esta indignação.

Quem vae pegar n'um boi, sabe ao que se arrisca, e arrisca-se porque quer. A prohibição das pegas tem só por fim, precaver do touro aquelles que vão ter com elle por sua livre vontade. Nós o que queremos é a prohibição das touradas, que tem por fim livrar dos touros toda a gente que não tem nem quer ter relações com elles.

A abolição das pegas é uma medida inutil: a abolição do touro, seria um serviço ás costellas da população de Lisboa, e á agricultura de Portugal.

— Os theatros começam a abrir as suas portas, mas o publico custa-lhe por enquanto alguma cousa a entrar. Está muito calor ainda lá dentro, e é preciso que como antidoto do calor se lhe dê algum attractivo poderoso como por exemplo a Trindade que lhe deu a sr.<sup>a</sup> Anna Pereira, de regresso áquelle theatro depois d'uma longa ausencia de muitos annos, com mais talento, mais gentileza e melhor voz ainda, se não foram as saudades que tinhamos de a ouvir que nos fez parecer tudo isto.

A Rua dos Condes abriu também e se este velho theatro pela insignificancia do seu repertorio não tem merecido as attentões da chronica, merece-as agora, ainda não pelo repertorio, que por enquanto é de *reprises*, mas pelo seu novo empresario um excellente rapaz, que tem um nome muito conhecido e estimado na boa litteratura o sr. Salvador Marques.

O Gymnasio vae abrir. D. Maria não se sabe ainda quando abrirá. Está em obras, e oxalá que as obras sejam a valer, e não uns atamancos reles e grosseiros que o deixem em condições peiores do que elle estava: porque um theatro a cair a pedaços, como estava D. Maria, deixa antever a esperanza de uma renovação proxima e intransferivel; um theatro atamancado pôde durar assim toda a vida. É a grande vantagem que tem as doenças agudas sobre as doenças chronicas.

— O sr. Amann quiz penitenciar-se das batallas dos Zulus, das erupções do Vesuvio, das peças chinezas, e mesmo dos fantoches, e trouxe para o Coliseu a sociedade dos concertos classicos de Madrid.

A orchestra veiu mutilada, n'as ainda assim redime o sr. Amann de todos os seus chinezes. É uma orchestra magnifica, dirigida esplendidamente pelo sr. Breton, um verdadeiro artista e um excellente *maestro* director.

Até nas *toilettes* dos musicos ha uma afinação extraordinaria. Muito bem, excellentemente, irreprehensivelmente tudo, tudo desde o *ensemble* da abertura da *Mignon* até ao das gravatas brancas.

— Estão já em Lisboa alguns estrangeiros illustres, membros dos dois congressos litterario e anthropologico, que dentro de breves dias se devem realisar na nossa cidade.

A camara municipal, a associação dos homens de lettras e a commissão preparatoria do congresso anthropologico, preparam-se para fazer dignamente as honras da casa aos illustres hospedes.

É de esperar que Lisboa, tomando em consideração estas visitas, e lembrando-se que não está em familia, suspenda por alguns dias as febras d'Alcantara, a matança dos cães e as peças chinezas.

GERVASIO LOBATO.

D. ADELARDO LOPES D'AYALA

E

D. JOÃO EUGENIO HARTZENBUSCH

O anno de 1879 despediu-se de Hespanha arrebatando-lhe uma das mais brilhantes estrellas da sua coroa poetica, e o anno que vai correndo não se tem poucado a arrancar-lhe um largo tributo das suas gl'orias.

Então foi Lopes d'Ayala, depois Fernandez de los Rios, ha pouco Hartzenbusch, pouco depois Calvo Ascencio, mais recentemente Bofarull. Não ha descanzo para avaliar tão grandes perdas.

Adelardo Lopes d'Ayala nascera em 1829, dotado de um natural exuberante, de uma figura elegante, e de uma cabeça distinctissima, parecia estar na força e vigor do seu desinvolvimento, quando de repente uma doença rapida o arrebatou á gloria, aos amigos e á patria a 30 de dezembro de 1879.

Presidia então Lopes d'Ayala ao congresso nacional. Davam-lhe direito a este elevado cargo o seu notavel talento e dotes d'alma.

A sua vida politica um tanto inconsciente, a sua na-

tureza indolente e um tanto pergoçosa permittiam aos seus amigos angariar o seu apoio e adhesão, embora contraditórios com o procedimento anterior. Politicamente, apesar do elevado cargo que occupava, Lopes d'Alaya pouco se distinguira.

A verdadeira gloria d'Alaya são as letras. A poesia dramatica teve n'elle um dos seus maiores cultores. Não podemos avaliar agora as suas composições, basta dizer que ha quem na Hespanha o colloque ao lado de Calderon, Lope de Vega, Tirso de Molina, etc; em quando outra opinião, mais sensata, dando-lhe um altissimo logar entre os dramaturgos hespanhoes, o não colloca nas alturas do genio.

São as mais notaveis das suas composições *El tanto por ciento*, *Rioja*, *Dos Guzmanes*, *El Tejado de vidrio*, *El nuevo D. Juan*, *Consuelo*, o juguete *Guerra á muerte*, e outras de varios generos.

João Eugenio Hartzenbusch era o contrario de Alaya. De natural não tão ricamente dotado, mas serio, severo, cordato, sempre igual e uniforme, trabalhando indefessamente desde o berço até á campa, nem o seduziam as vaidades da politica, nem o deslumbravam os applausos da gloria.

Nascido em 1806 filho de um honrado marceneiro allemão, herdou de seu pae o habito do trabalho e a contenção de espirito proprio da raça germanica, a que dava um diverso vigor e entusiasmo o calor do sangue materno.

Começando a trabalhar nas officinas de seu pae, cedo se sentiu impellido para as letras; agora a mão na goiva, agora no livro ia desinvolvendo-se de espirito e de corpo. Proximo ao fim da vida ainda contemplava com certo desvanecimento de modestia as cadeiras do Estamento dos Proceres que as suas mãos ajudaram a lavar na offeina paterna.

Hartzenbusch era director da Bibliotheca nacional de Madrid. A sua primeira obra dramatica, que teve e tem um grande renome em Hespanha *Os amantes de Teruel*, fundada sobre uma lenda, abriu-lhe a carreira do theatro. A ella seguiram-se *D. Meia*, *D. Affonso el Casto*, *La madre de Pelayo*, *La ley de raza*, *El mal Apostol* e *el buen ladrón*, *Vida por honra* as comedias *Juan de las Viñas*, *La coja y el encogido*. Publicou tambem 2 vol. de Contos e Fabelas, 1 d. Ensaio poetico e outros.

Como erudito deixou notaveis commentarios sobre o *D. Quichote*, sobre *Espronceda* e outros auctores.

Apagou-se esta existencia tão cheia de serviços, honestidade e modestia, chorado por todos os hespanhoes a 2 de agosto ultimo.

B. G.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

#### JUDITH

##### Estatua de Simões d'Almeida

A estatua que o OCCIDENTE hoje apresenta aos seus leitores, é, não hesitamos em affirmar-o, um dos melhores trabalhos apresentados na ultima exposição. — A *Judith* é modelada com a profunda sciencia intima da forma, que constitue a feição principal do talento tão sério, e tão alevantado do eminente escultor o sr. Simões d'Almeida, sendo principalmente para admirar como o artista sabe levar a execução dos detalhes ao mais delicado acabamento, evitando habilitemente a dureza.

A formosa estatua *Judith*, um trabalho notabilissimo que faz honra á nossa arte, foi encomendada ao sr. Simões d'Almeida pela sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla.

### A TABELLA DAS MULTAS

#### Quadro de Manuel de Macedo

Esta graciosa composição do nosso desenhador, quasi tão pequena de dimensões como uma das suas vinhetas de livro illustrado, e ressentindo-se no estylo dos habitos de desenhador, é o primeiro de uma serie de estudos do viver de bastidores que o illustre artista nos promette desenvolver mais largamente na futura exposição. — É um genero graciosissimo, este genero a que Manuel Macedo está consagrando agora o seu talento sério, e as raras qualidades de observador do seu espirito profundamente artistico, e para o qual, a sua completa sciencia dos mysterios d'essa vida extranha e original dos bastidores, adquirido durante annos na sua antiga profissão de scenographo, lhe dá valiosissimos subsidios.

O quadro a *Tabella das Multas* pertence hoje a S. M. a Rainha que o escolheu na exposição.

## EM CORROIOS

### (PAIZAGEM)

#### Quadro de Manuel Henrique Pinto

Este quadro apresenta notavel progresso sobre todos os outros quadros do sr. Henrique Pinto. Os trabalhos d'este apreciavel pintor senão se recommendam por brilhantes qualidades d'estylo, denotam sempre aturado estudo e muita consciencia artistica. A paizagem que hoje reproduzimos em gravura, tem bastante ar e a harmonia geral é boa; entretanto o desenho peca geralmente por uma certa timidez prejudicial e por falta de energia de toque nos primeiros planos.

Em o sr. Henrique Pinto se libertando d'estes defeitos, que já vão pouco a pouco desaparecendo dos seus trabalhos, em conseguindo ter mais vigor no traço, e mais certeza no desenho, com a força de vontade que tem no estudo, e a consciencia rigorosa com que trabalha, o sr. Pinto hade alcançar um nome distincto entre os nossos paizagistas.

### O FRONTÃO DO NOVO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA

Um grande incendio que destruiu em 1863 o edificio onde se achava estabelecido o Banco de Portugal, resolveu a Camara Municipal de Lisboa a construir o palacio municipal que, por varias circumstancias, não tinha.

Apresentaram-se alvitres para aproveitamento das solidas abobadas e alicerces do edificio incendiado; fora isso bastante economico. A Camara, indecisa ao principio, deliberou por fim construir obra grandiosa.

Escolhido o terreno encarregou o architecto sr. Domingos Parente da Silva em sessão de 26 de novembro de 1867 de elaborar o projecto do edificio. Melhor fora ter aberto concurso publico.

Apresentado o projecto em sessão de 24 de janeiro seguinte foi logo approvado, apesar de ser incompleto, falta da distribuição interna, do orçamento e de outras peças fundamentais importantes.

Começou a construcção que seguiu com rapidez e foi o projecto pelo tempo adiante soffrendo alterações, já por modificações nas idéas do architecto.

Apresentando este um projecto de alteração do coramento da fachada principal do edificio, que pretendia então rematar por um entablamento recortado, de extravagante concepção, foi adoptado, mas por fim substituído por outro projecto do engenheiro da camara, não menos desgracioso, de um remate em frontão triangular, que nos parece deverá produzir um effeito desagradavel.

Em toda esta obra tem havido um notavel desleixo e uma falta de criterio, incrível no primeiro municipio de um paiz que foi grande e tem obrigação de acatar a sua representação, e sustentar o grandioso nome que alcançou na historia do mundo.

O palacio municipal deve ser um monumento. A Camara Municipal deu-se ares de o querer assim, mas as vereações succederam-se umas ás outras e o que está feito é um acervo de disparates de construcção, de composição e de decoração.

Não é occasião, nem temos espaço para entrar n'essa meuda analyse, mas não podemos deixar de lançar estas poucas reflexões ao apresentar-mos o desenho do tão disputado frontão.

Foi dada a sua execução a um artista estrangeiro, aliás de merito, mas havendo outros no paiz de capacidade nada inferior, extranhámos se não abrisse concurso para a sua execução.

Tem ao centro as armas do municipio ladeadas pelas estatuas da liberdade e do amor da patria. Outras figuras e symbolos representando as artes, a industria, as sciencias, o commercio, as bellas-arts, a guerra, a paz e a razão completam o ornato do tympano do frontão. O desenho não deixa de ser correcto e harmonico, a execução do modelo está regular, e conquanto não seja esta uma obra de arte animada e vigorosa, tem certa magestade que não destoa da grandezza do edificio.

Peca é que um paiz que deu nascimento a um genero de architectura seu, caracteristico das suas aspirações e empresas, não o estude, levante, dissemine, desenvolva e adapte ás suas diversas edificações e construcções, já não dizemos ordinarias, mas ao menos, ás monumentaes.

Confiamos que a diffusão dos conhecimentos, lançando em todos os espiritos uma noção mais perfeita das artes, sua importancia e significação, apurando o criterio, o senso e o gosto artistico fará evitar em obras futuras os erros, faltas e defeitos da presente.

Não deixaremos de pugnar pelo concurso publico, salvo nos pequenos permenores decorativos, que podem ser distribuidos pelos artistas ao sabor das suas aptidões especiaes.

## O FULMINANTE

Este barco torpedeiro que hoje reproduzimos nas paginas do OCCIDENTE com todos os seus permenores, faz parte da nossa marinha de guerra, e foi ha pouco construido em Inglaterra pela companhia Thames Iron Works & Shipbuilding, de Blackwall, para serviço da escola de torpedos estabelecida em Paço d'Arcoas.

O *Fulminante* chegou ao Tejo no dia 14 de agosto ultimo, commandado pelo 1.<sup>o</sup> tenente da armada José Cesario da Silva que em Falmouth assistiu á conclusão d'este navio e ás experiencias feitas com os diferentes apparatus, que todas satisfizeram plenamente.

O 1.<sup>o</sup> tenente da armada João Monteiro Pinto da Fonseca Vaz foi quem superintendeu á construcção d'este novo vaso de guerra, feito segundo os mais modernos aperfeiçoamentos, como se poderá ver da descripção que segue:

Este barco tem 75 pés de comprimento; 15 de bocca; 8,5 de pontal; 4,5 de calado de agua a vante e 6 a ré e 78  $\frac{3}{4}$  toneladas. O casco é de ferro, fornado por chapas de  $\frac{3}{16}$  a  $\frac{3}{8}$  de pollegada de grossura e dividido por anteparas estanques, tem camara, casa das machinas, casa da caldeira e um grande paiol a vante que comporta 15 toneladas de material de torpedos. Este paiol é destino a receber 7 torpedos de 500 libras de carga de algodão polvora e todo o material respectivo, tendo para este fim uma grande escotilha e todas as disposições convenientes.

As machinas, construidas por I. A. Young & Filho de Blackwall, são do systema Compound, de trabalho inteiramente independente, movendo cada uma um helice e tendo cylindros de alta pressão de 9,5 pollegadas de diametro e de baixa pressão de 17,5 embolos de 15 pollegadas de golp, condensadores de superficie com tubos de latão, bombas d'ar, de alimentar e de esgoto, e podendo as machinas juntas desenvolver a força de 150 cavallos.

A caldeira é cylindrica de 8 pés de comprimento e 8 de diametro, experimentada até á pressão hyraulica de 130 libras por pollegada quadrada. Nas experiencias de velocidade, na milha medida em Long-Reach, no Tamisa, foram obtidas as seguintes medidas: de pressão 68,5 libras, de vacuo 27,2, de rotações das machinas 196 por minuto, de velocidade 9,861 milhas por hora, em 6 corridas, 3 a favor e 3 contra a corrente.

Os bankers comportam 6 toneladas de carvão e o consumo estimado de combustivel é de 2,5 libras por hora, e por cavallo de força ou 4:077 kilogrammas em 24 horas.

O peso estimado da machina e caldeira com agua, é de 26 toneladas. O barco tem um apparatus de reboques completo e um escaler de 4 remos.

O barco possui todos os apparatus e disposições necessarios para o serviço dos torpedos fixos e dos torpedos moveis Whitehead, de antena e Harvey.

Para serviço dos torpedos fixos tem no convez a vante, gaviote e turcos de ferro e pau de carga, e á ré, um tambor grande de ferro e um rolete para o cabo electrico. Para os torpedos Whitehead, torpedo automatico de 24 milhas de velocidade e de 52 libras de carga de algodão polvora, uma carcassa de ferro com todas as disposições para levar o torpedo de dentro do barco até á posição de lançamento, abaixo da superficie d'agua. Para os torpedos de antena, duas grandes antenas de madeira e alavancas articuladas e retornos de ferro, que facilitam o seu movimento e immersão na agua. Os torpedos empregados n'estas antenas são do ultimo modelo do privilegio do capitão Mac-Evoy de Londres, para a carga de 33 libras de algodão polvora, com todos os apparatus electricos para a sua explosão ser effectuada pelo choque ou á vontade do operador. Para os torpedos Harvey, torpedos divergentes da carga de 60 libras de algodão polvora, de inflamação pela electricidade tanto pelo choque como á vontade do operador, um mastro e uma verga a ré e os pertences convenientes para o emprego dos guinchos do cabo electrico com armadura de aço, patescas, boias, etc., que possui ha muito tempo a escola de torpedos.

Para facilitar o movimento dos diferentes apparatus ha no convez do barco um forte guincho de ferro movido pelo vapor.

Pela descripção que fica feita, vê-se que este navio satisfaz a todas as exigencias do serviço de torpedos, serviço que segundo nos informam não tinha sido desempenhado até hoje por um só barco.

## D. LUIZ D'ATHAIDE

(Continuado do numero antecedente)

Alli chegou a 31 de agosto do anno seguinte, entregando-lhe logo a posse do governo o heroico e infeliz D. Diogo de Menezes, que havia de ser a primeira victima illustre sacrificada pelo sanguinario duque d'Alba, nos altares da patria que tão lealmente intentou defender.

Durante este intervalo, apezar de alguns successos variaveis, a India balouçava um pouco, conservando porém ainda o prestigio das armas.

Com a chegada de D. Luiz de Athaide tudo se consolidou. Hidal-kan, que tinha de novo encetado a guerra e com o qual houvera successos diversos, restabeleceu a paz que havia quebrado.

Providos todos os pontos onde se fazia mister força, continuava o conde de Atouguia o seu governo, quando em maio de 1579 chegaram a Goa as cartas do cardeal D. Henrique que participavam o desbarato de Alcacer Kibir, a morte de D. Sebastião e a proclamação d'aquelle principe como rei de Portugal.

D. Luiz de Athaide que havia, ao chegar á India, convidado os fidalgos que alli militavam a ir acompanhar el-rei na sua jornada, não previa que ella já se tinha feito, e quão desastrosa havia sido!

Sentiu o desastre como portuguez verdadeiro, e continuou o seu governo com a prudencia e alto sizo de que era dotado. D'este segundo vice-reinado de D. Luiz de Athaide datam as suas sensatas providencias para sopear os prejuizos provenientes da alçada ecclesiastica, que excitava a emigração dos gentios, enfraquecendo a população, e os excessos e iniquidades de alguns frades e da inquisição. Foi tambem por este tempo (1580) que a ilha de Cey-

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES  
EM PORTUGAL EM 1880

A TABELLA DAS MULTAS — Quadro de Manuel de Macedo, pertencente a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia (Desenho do mesmo auctor)

lão foi doada a Portugal pelo rei d'ella D. João Prea Punhar.

Ao mesmo tempo que estes factos succediam na India, fallecia no reino el-rei D. Henrique; era aclamado D. Antonio Prior do Crato; D. Filippe fazia invadir Portugal pelos seus exercitos, que derrotavam o infeliz filho da Pelicana, e punha na sua cabeça a corda de Affonso Henriques, conquistada pela astucia, pela corrupção e pelas armas.

Diz-se que quando estas noticias chegaram á India D. Luiz de Athaide tivera idéas de reunir o escol das forças disponiveis d'aquelle imperio, desembarcar na França ou na Inglaterra e vir restituir o reino ao, embora illegitimo, esbulhado D. Antonio.

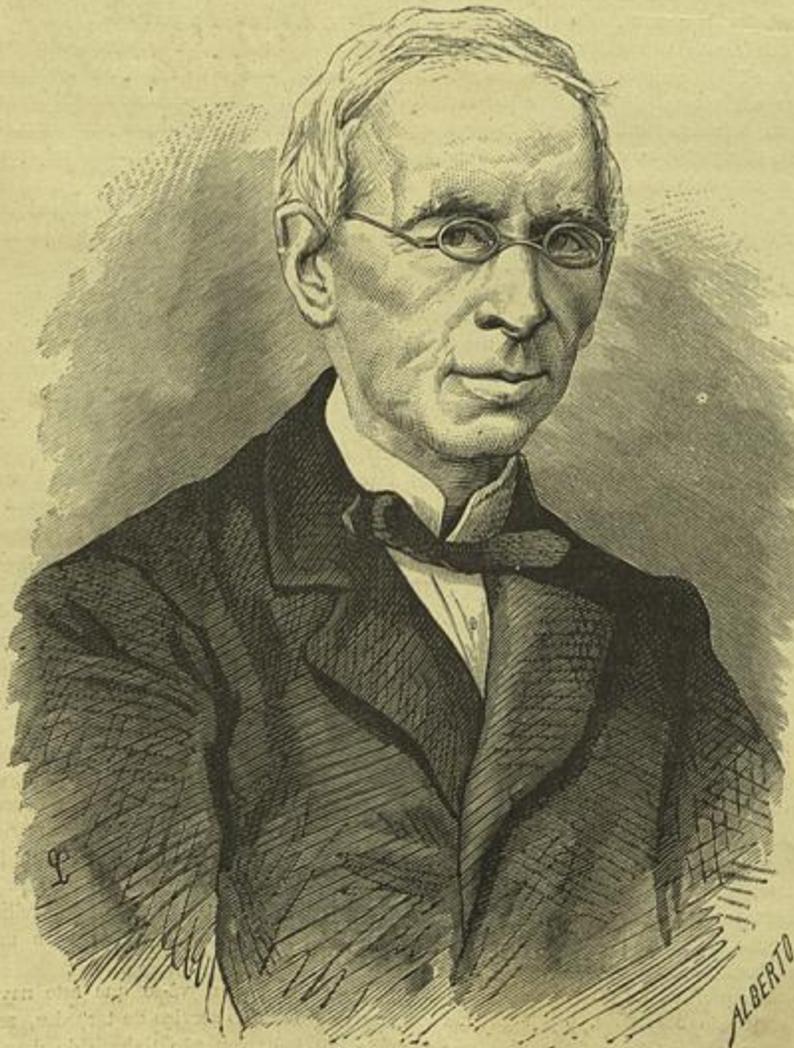
D. Filippe apressara-se a attrahir D. Luiz de Athaide elevando-o a marquez de Santarem. Esta graça, felizmente, já não achou vivo o grande homem.

D. Luiz de Athaide ao saber a esaravidão da patria, succumbia a 9 de março de 1581 em Goa. Diz-se que ao sentir-se morrer exclamava «ora morra eu e seja tudo contra Portugal!»

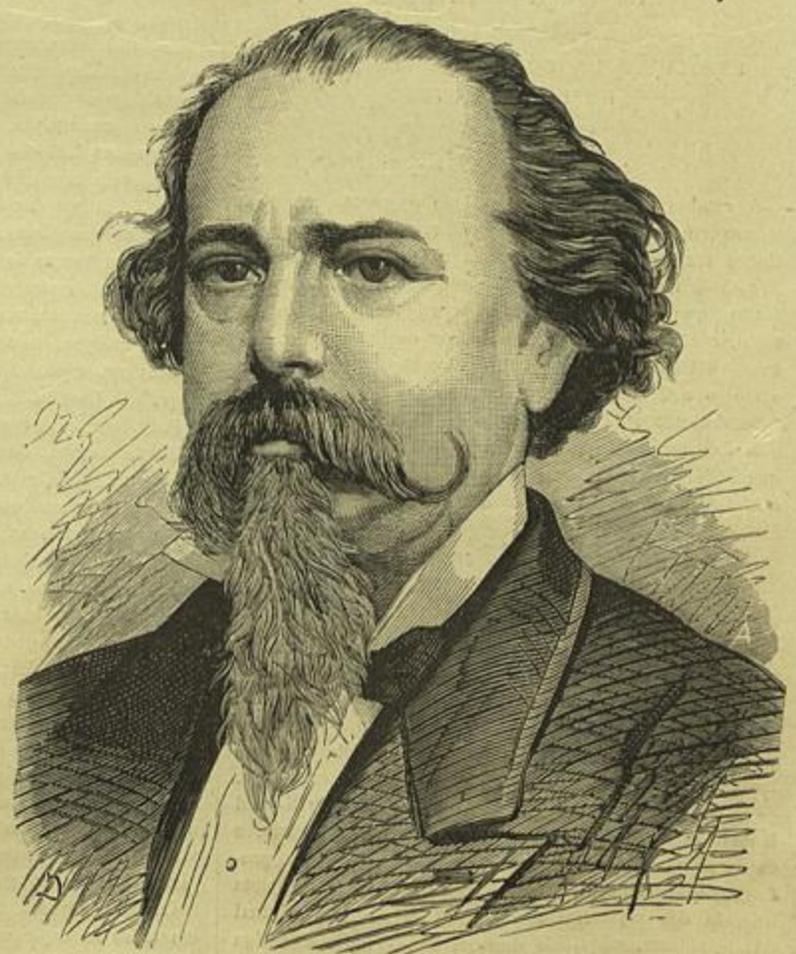
Apagada esta grande luz no oriente, foram os despojos do grande homem depositados na capella mór da igreja dos Reis Magos de Goa, junto aos de seu irmão D. João de Athaide.

Segundo o disposto em seu testamento, foram os seus ossos trasladados passado tempo para o convento do Bom Jesus em Peniche, de que era donatario, e depositados n'um soberbo tumulo na capella mór do lado do evangelho.

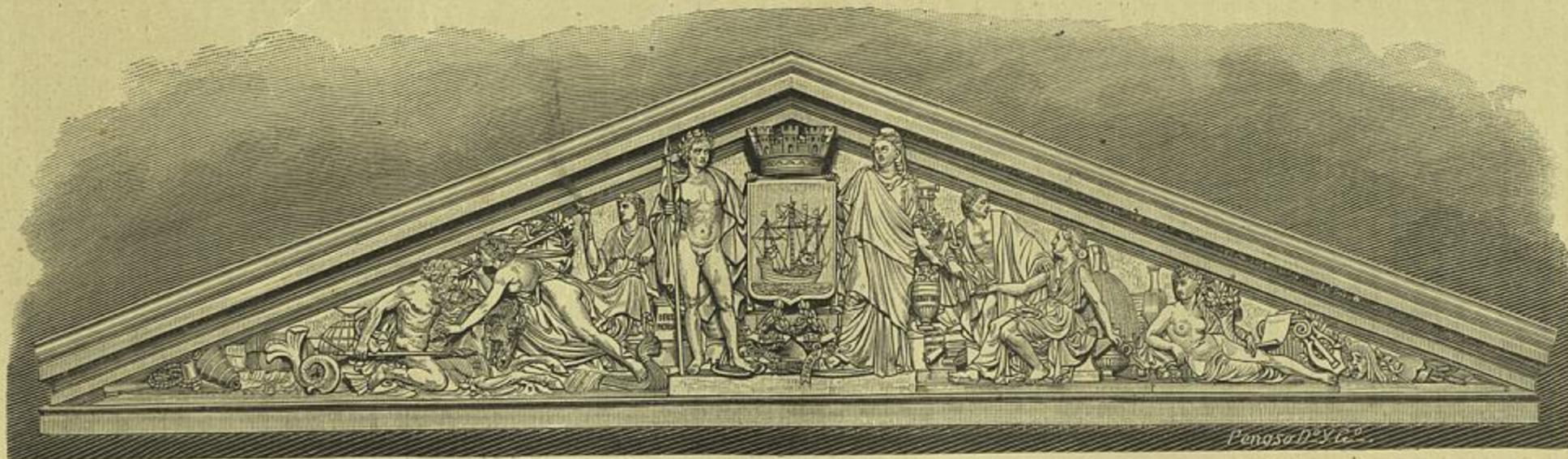
Em 1834 sendo extinctas as ordens monasticas, ficou abandonado o mosteiro e mãos barbaras, dizem que um punhado de estrangeiros que ali entraram com as tropas liberaes, julgando saciar a sua colliça profanara o venerando sarcophago, que em qualquer outro paiz seria objecto do culto e



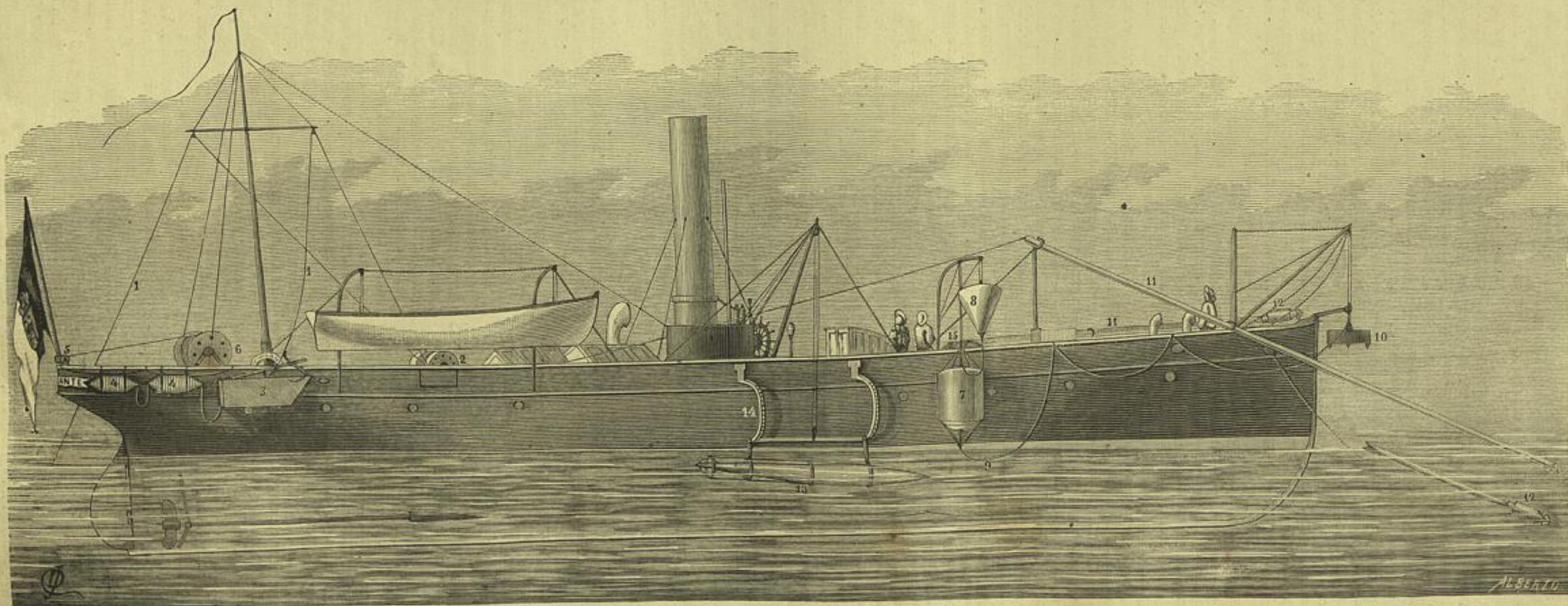
D. JOÃO EUGENIO HARTZENBUSCH



D. ADELARDO LOPEZ DE AYALA



O FRONTÃO DO NOVO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA — Escultura de Calmels (Segundo uma photographia de H. Nunes)



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O FULMINANTE, BARCO PARA O LANÇAMENTO DE TORPEDOS (Desenho do natural por J. Dautas)

1 Cabos de reboque do torpedo Harvey. — 2 Guinchos dos ditos cabos. — 3 torpedo Harvey. — 4 Boias do dito torpedo. — 5 Rolete de retorno do cabo electrico para os torpedos fixos. — 6 Tambor do dito cabo. — 7 Torpedo fluctuante. — 8 Esca com feche circuito electrico. — 9 Cabo de fundear o torpedo e cabo electrico. — 10 Ancora de fundear o torpedo. — 11 Antenas dos torpedos do capitão Mac Evoy. — 12 Torpedos do capitão Mac Evoy. — 13 Torpedo fluctuante de grande velocidade Whitehead. — 14 Apparelio de lançamento do dito torpedo. — 15 Guincho a vapor.

respeito de todos os cidadãos. Como o convento do Bom Jesus cahia em ruínas, o administrador do concelho, Veríssimo de Almeida, segundo o sr. dr. Teixeira de Aragão, ou um piedoso sacerdote, segundo o sr. Ribeiro Arthur, fez trasladar para a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, aquellas venerandas reliquias.

Ali foram metidas n'um armario de um corredor, que a nossa gravura representa, e, como estivessem em um sacco e expostas a irem algum dia parar ao monturo, o sr. Ribeiro Arthur as fez guardar n'uma caixa a que adaptou uma declaração do que contém. Esperam os ossos de um dos mais nobres fillos de Portugal que os depositem algures, já que mãos vandalicas os arrancaram do seu tumulo.

Em 1878 os srs. Ivo Carreira e João Baptista Ribeiro Guisado, propozeram á camara de Peniche, de que eram dignos vereadores, a votação de uma verba para se erguer um jazigo no cemiterio da villa a D. Luiz de Athaide; com a mudança de vereação ficou o projecto sem sequencia.

Continuará este estado? Não chegou ainda a época de se pagarem as dividas da patria? O tumulo do Bom Jesus, levantado á custa da familia de D. Luiz d'Athaide desapareceu, sem que se saiba como, e até a inscrição latina que o ornava; naturalmente estará servindo de padieira d'algum forno ou d'alguma estrebaria; pois já que Peniche fez e tolerou este crime, cumpre-lhe desagrar-se d'elle.

Se Vasco da Gama abriu a navegação da India, se Affonso de Albuquerque fundou ali o nosso dominio, D. Luiz de Athaide segurou-o quando estava prestes a derruir se, ajuntando novos florões á corôa de Portugal.

Deixámos que os frades da Graça atirassem para algum monturo os ossos de Affonso de Albuquerque, que as freiras de Sant'Anna ou os seus mestres de obras dispersassem a ossada de Camões, não haverá cinco réis para uma pedra e um palmo de chão onde acabe de se consumir o que resta de D. Luiz de Athaide?

Ousamos esperal-o da camara de Peniche e do governo.

Por occasião da celebração do centenario de Camões recebemos o desenho que publicamos a paginas 145, e uma noticia sobre este desacato, devido tudo ao zelo do sr. Sesinando Ribeiro Arthur. Preparavamo-nos para verberar esta grande afronta, quando o *Universo Illustrado* excellente periodico, dirigido por aquelle cavalheiro, trouxe mão do assumpto. O facto porém foi n'essa mesma occasião communicado ao publico pelo sr. Teixeira de Aragão a pag. 164 do 3.º vol. da sua *Descripção geral e historica das moedas... de Portugal*, e já o havia sido, annos antes pelo sr. Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*.

N'estas noticiosissimas obras, nas diversas historias do reino, Decadas de Couto e nomeadamente nas *Memorias para a historia de D. Sebastião*, de Diogo de Barbosa Machado, na *Historia de Portugal* do sr. Pinheiro Chagas, e na *Historia da India no tempo que a governou D. Luiz de Athaide*, por Antonio Pinto Pereira, poderão os curiosos ver mais por extenso o que ácerca do tão grande varão resumimos.

Quando o seu retrato nos chegar de Goa, apresental-o-hemos aos nossos leitores.

BRITO REBELLO.

## A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

### II

#### O ARTISTA

Vimos que o testamento de el-rei D. Manuel nos revelára algumas obras de um grande artista, que no principio do seculo XVI elevava a ourivesaria portugueza ao seu apogeo.

Esta arte, como algumas outras, estava então no seu maximo desenvolvimento e perfeição em Portugal. Artistas de varias nações concorriam a este paiz, não só porque este estava então no periodo do seu maior esplendor, mas porque n'elle achavam facil emprego ás suas faculdades e auferiam retribuições condigna Ourives, illuminadores, imaginarios, escripturarios, pintores, doiradores, entalhadores, musicos, carpinteiros, pedreiros, e outros quantos, eram empregados nas construcções e obras de todo o genero, que de um a outro angulo do paiz se faziam de novo, ou se acrescentavam ás existentes.

O oiro da mina, depois a especiaria, os artefactos e produções da Asia, ao passo que davam um golpe mortal na agricultura, excita-

vam o luxo e com elle toda a exuberancia de productos artisticos que lhe formam sequito.

Gil Vicente o auctor da custodia dos Jeronymos não era unico no seu genero, e durante os reinados de D. Manuel e D. João III viveram aqui muitos ourives já portuguezes, já estrangeiros, os quaes produziram obras, que se não podem assignalar hoje, que pela maior parte se perderam, das quaes existirão acaso ainda algumas, e que agora ou logo um documento, uma verba d'um livro darão ou dão a conhecer.

Gil Vicente, Diogo Fernandes, Affonso Pires, João Cansado, Balthazar Cornejo, Diogo Rodrigues e outros respeitou-os o tempo, e deixou chegar seu nome e a noticia de algumas das suas obras até nós, mas são necessarios longos dias para averiguar e agrupar os poucos dados, que se acham dispersos pelos varios monumentos historicos.

A historia de Portugal em quasi todos os seus ramos está quasi por fazer. Ainda ha mister muito trabalho de analyse, de estudo, de investigação, de comparação, primeiro que a synthese se possa estabelecer sobre qualquer das suas partes.

Gil Vicente é o nome que representa para nós o symbolo da perfeição da ourivesaria.

Sabe-se de outras obras feitas pelo artista, mas perdeu-se o conhecimento da existencia d'ellas. O testamento de D. Manuel menciona a custodia, de que tratamos, e uma cruz grande, que desapareceu. Os trechos do testamento da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, publicados por fr. Jeronymo de Belem na *Chronica seraphica da provincia dos Algarves* apenas nos dizem que fez alguns calices.

Deve Gil Vicente ter produzido muito mais obras, cuja noticia não chegou até nós, como tambem se ignoram os auctores da maior parte dos artefactos que hoje se fabricam. Se os modernos alguma noticia dão de um ou de outro, os antigos eram por maior descuidados a tal respeito.

Ignora-se a naturalidade de Gil Vicente, como se desconhecem quasi todas as circumstancias da sua vida. Sabemos apenas que era o ourives ou lavrante da rainha D. Leonor, como sabemos que João Cansado e Cornejo o eram da rainha D. Catharina, Diogo Rodrigues o foi da infanta — imperatriz D. Isabel, Diogo Fernandes da infanta D. Maria, malograda esposa do depois rei Philippe II, Affonso Pires, em certo periodo, o foi do convento de Thomar, e outros.

Não podemos assignalar a epocha do nascimento de Gil Vicente, mas indubitavelmente o seria pelo meado do reinado de D. Affonso V, devendo ter fallecido depois de 1517, anno em que parece já estar quasi impossibilitado de servir.

O seu nome, assaz vulgar, como uma grande parte dos d'aquelle tempo, até dos mesmos nobres, tem feito suspeitar que seja o mesmo individuo, que nos reinados de D. João II, D. Manuel e parte do de D. João III tão grande aura alcançou como poeta, e deixou immorreitoiro nome nas letras portuguezas como fundador do nosso theatro.

Seduzia-nos um pouco essa idéa, mas os documentos e noticias que temos consultado e colligido fizeram-nos perder tão grata illusão.

Resumindo pois o que sabemos de Gil Vicente vê-se que em 1506 acabou a famosa custodia dos Jeronymos, devendo ter sido começada pelos fins de 1503, visto haver sido feita do ouro das primeiras pareas pagas pelo rei de Quiloa, trazidas por Vasco da Gama, que chegou a Lisboa no 1.º de setembro d'este ultimo anno. Isto é um prodigio de execução, que só pôde avaliar quem examinar a custodia occularmente. Vê-se tambem que em 1509 por alvará ou provisão de 15 de fevereiro foi nomeado vedor e executor de todas as obras de ourivesaria que se fizessem para o hospital de todos os Santos, conventos de Thomar e Belem; que em 1513 por carta de 4 de fevereiro fôra nomeado mestre da balança da moeda de Lisboa; e finalmente que em 1517 por carta de 6 de agosto foi exonerado d'este cargo, renunciando-o em Diogo Rodrigues, ou-

rives da infanta D. Izabel. Ora tendo D. Manuel creado em 1506 mais um logar de mestre da balança para commodidade do publico e melhor serviço, é provavel que a renunciação tivesse por motivo a velhice de Gil Vicente, e portanto a impossibilidade de continuar a servir o cargo.

É natural que Gil Vicente fallecesse pouco depois, por isso que d'aquí em diante nada mais sabemos de positivo com relação ao grande artista, nem isso é de extranhar.

Hoje, depois da alteração profunda que as idéas sociaes soffreram nos ultimos 100 annos, da-se a consideração devida ao talento, seja qual fôr a forma porque se manifeste; no seculo XVI porém, e entre nós, o ourives não passava d'um official mechanico que nas moradias da casa real era assentado de mistura com a cristaleira, o regueifeiro, o sapateiro, o ferrador, o barbeiro, etc., e que nos privilegios concedidos aos officiaes de qualquer casa religiosa era envolvido com o pescador, o almoceve, o tosador, o hortelão, o moleiro e outros.

Assim quando qualquer rasão especial nos não faz conhecer o termo da existencia de um determinado individuo, elle extinguiu-se, sem que ninguém então quasi desse por isso, ficando a posteridade privada d'esse conhecimento.

O dia da morte do proprio Camões só quasi ao fim de 300 annos por acaso foi conhecido; e Camões era de origem nobre, era escudeiro, e já tinha publicado os *Lusiadas*!

Isso não importa para que a individualidade artistica de Gil Vicente não seja perfeitamente estabelecida e o seu nome justamente collocado no pinaculo da arte nacional.

Tinhamos concluido aqui o nosso breve estudo e intentavamos publicar os documentos comprovativos, quando tivemos conhecimento do artigo do nosso amigo e patricio Dr. Theophilo Braga publicado no n.º 5 da revista philosophica — *O Positivismo*. — N'este artigo o illustre professor persiste em demonstrar que o poeta Gil Vicente, não só é o mesmo ourives auctor da custodia, mas ainda porteiro dos contos do almoxarifado de Beja e dos do mestrado d'Aviz, requeredor das sizas de Santarem e mestre das obras de carpinteria d'esta então villa e dos paços de Almeirim.

Como estamos em divergencia, em novo paragrapho analysaremos a sua opinião e produziremos os motivos porque a não podemos partilhar.

(Continua).

BRITO REBELLO.

## DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CCRDOBA

(Continuação)

A penna, como diria Santiago Estrada, nega-se a pintar a noite azul das ilhas, porque não encontra tintas apropriadas na palheta da imaginação. A atmosphera embalsamada, o céo purissimo e as selvas virgens do Paraná, não podem reflectir-se senão na alma do poeta. Trasladas d'ahi para a tela, é tarefa vã. A transparencia do ar, as sombras, as meias tintas, os perfis d'aquelle paizagem, vêem-se, sentem-se, mas não se podem pintar. A lingua é tambem um instrumento rebelde que não exprime o que a cabeça concebe na presença de certos espectaculos.

Ao aproximarmo-nos do Rosario levantou-se um nevoeiro, inconcebivel n'um dia de verão; o um frio intenso obrigou-nos a cobrir com e capote da cordilheira o fato leve da planicie queimada pelo sol canicular.

— El Rosario, disse-me Santiago Estrada, es la llave de la navegacion del Paraná y la puerta del interior de la Republica Argentina. Colonia cosmopolita, debe sus progresos materiales á la naturaleza y á los derechos diferenciales con que el gobierno de la Confederacion atrajo á su puerto el comercio extranjero en hostilidad á Buenos Aires, cuando esta provincia se hallaba segregada del cuerpo de la nacion.

— El establecimiento de centenares de europeos que acudieron atraídos por el cebo de la fortuna, acrecentou Balleteo, y la fundacion de colonias agricolas en la provincia de Santa Fé, unidos á la colocacion de esa ciudad en el territorio, han operado en ella, en poco tiempo, una transformacion radical, convirtiendola en una de las mas importantes poblaciones de la Republica.

Effectivamente, o Rosario é a povoação argentina que mais se assimilha a Buenos Aires, bem que, como é de suppor, carece do movimento social e litterario, cuja ausencia caracteriza os povos essencialmente commerciaes e consagrados inteiramente ao desenvolvimento dos interesses economicos.

No dia seguinte continuámos a viagem no *ferro-carril central argentino*.

Pouco ou nenhum interesse offerece o caminho nas primeiras estações. A monotonia da planura não gera nenhum pensamento em quem a contempla das portinholas do carro. E' um oceano de terra.

— Las grandes ventajas que el pais reportará de esta linea, observou-me Santiago Estrada, se empezarán á sentir apenas se clave el último de sus rieles y se estienda hasta el Rio Cuarto, que es el punto del cual se bifurcan todos los caminos del interior.

De feito, ligadas as vias de communicação ao Rio Cuarto, como os nervos ao cerebro, o *ferro-carril central argentino* será a columna vertebral de um novo systema de caminhos.

— El está llamado á llevar la vida á las poblaciones diseminadas en el desierto, á derramar á su paso la fecundidad, á cubrir de aldeas las ciento cincuenta leguas de terrenos incultos que han sido concedidas á la empresa explotadora.

— E quando se realizará esse sonho?

— Calla! portuguez descreído, gritou Gutierrez. Cuando las lineas paralelas sobre que marcha la locomotora triunfante, opriman la tierra del indio, el extranjero se la disputará al salvaje, la seguridad de la propiedad llevará el colono á los campos desiertos, la corriente de inmigracion que se condensa, se estanca, produce el miasma y muere en Buenos Aires, romperá el dique del conventillo, salvará sus fronteras, atravesará en los buques de vapor los rios tributarios del Plata, y penetrará, como un torrente fecundante, en el seno virjen de las provincias mediterráneas.

— Tienes razon, Mefistófeles, acudiu Behety. El *central argentino* va á operar en nuestro pais grandes transformaciones sociales, cientificas é industriales.

— Por supuesto, tornou Gutierrez. Apenas el sonido de la corneta metálica de sus locomotoras disipe la sombra del pasado que envuelve á esas comarcas, cual en otro tiempo batieron las trompetas de Josué las murallas de Jericó, se realizarán grandes acontecimientos!

(Continua)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

## QUE TRISTE FIM!...

Fui tambem este anno á romaria de Santo Antonio dos Olivaes.

Não posso resistir! Quando vejo passar toda a gente muito alegre, a cantar, a rir, a correr, dá-me logo vontade d'ir n'aquella onda. Depois, a tentação dos carros! Uma pessoa vê-os ir cheios de passageiros, passageiros lá dentro, passageiros cá fóra, passageiros na boleia, no tejadilho, na imperial, e o cocheiro, de pé, a agitar o chicote ao alto — como um bravo porta-bandeira que dá o signal do combate — a chamar e a attrahir a gente! E d'esta vez, então, o arraial era fallado. Façam idéa! A um lado da estrada, em meio de um campo, tinham levantado um barracão, um grande barracão feito em tres dias, e a cuja entrada, n'um enorme cartaz, se lia o seguinte:

*Grande funcção!*

*Corda bamba!*

*Os anneis de Saturno!*

e mais abaixo:

*A celebre Mademoiselle Angeline*

*Assombro do Universo!*

Caspitó! Entrei tambem no meio da grande affluencia.

Quando appareceu mademoiselle Angeline, os espectadores desataram todos as gargalhadas! Que triste espectáculo, santo Deus!

A mademoiselle Angeline tem os seus quarenta e oito annos, é feia, encarquilhada, pillada, com raros cabellos loiros como farripas de uma estriga a cahirem sobre o rosto de pergaminho muito velho! Sobre o albardão espipado de uma égoa que manquejava n'um chouto duro, vinha ella, levantando ora um pé, ora outro, erguia os braços, e corria para o publico. Nada mais tragico, mais profundamente tragico do que ver aquella velha, com uma saia de cambraieta muito suja, calções de panninho, umas meias de algodão roxas desbotadas, os braços nus, posta de pé sobre um cavallo, a correr, n'um circo!

Aos estrepitosos applausos da troça, Angeline encolhia os hombros, d'onde rompiam umas clavículas angulosas, e sorria contrafeita, mostrando uma boca negra, hedionda e sem dentes! Sorria; e cuidei eu que a pobre mademoiselle Angeline chorava!

No fim do espectáculo vi mademoiselle Angeline atravessar a estrada, levando pela areata a égoa que ia coxeando atraz. Recolheu-a n'um telheiro que ficava defronte, estendeu um molho d'herva na mangedoura, e veiu encostar-se á humbreira da porta, de perna trçada, muito triste, pasmada, a olhar para mim, que a contemplava com pena!

Tive um presentimento de que aquella mulher me não devia ser totalmente extranha.

Convidei então o saltimbanco da companhia — um miseravel murciano com modos de assassino — a entrar na taberna proxima para comer. O homem acceitou sem repugnancia; e, quando o vinho lhe deu mais vigor e rebrilho na pupilla, contou-me então a vida aventureira de Angeline, que veiu confirmar as minhas tristes suspeitas.

Eu conhecia fatalmente aquella desgraçada!

Se ainda me recordo d'aquella noite tormentosa!

Minha tia Magdalena entrára, ás onze horas da noite, no quarto de minha mãe.

Eu, que dormia n'uma cama pequenina junto do seu leito, acordei com aquellas vozes entrecortadas por soluços dilacerantes. Minha pobre mãe, com a cabeça de minha tia reclinada no seio e um braço passado sobre o hombro d'ella com protectiva ternura, chorava tambem, e dizia baixinho:

— Pobre Magdalena! minha pobre irmã!

Poucas vezes vira chorar uma pessoa crescida. Parecia-me que o chorar e o chorar afflicto, com soluços tremulos, era uma coisa tão feia, que nem ás creancinhas se perdoava.

E então minha mãe, que eu via sempre a sorrir, até quando me enxugava as lagrimas, era quem estava a chorar ali. Deitado de costas, com a cabecinha loira poisada no travesseiro, os olhos muito abertos, eu não sabia dizer bem se aquillo era um sonho. Á luz tenue da lamparina, que vacillava diante da imagem da Conceição, aquellos dois vultos, ali, na penumbra, immoveis, prostrados por um desgosto enorme, causavam inconscientemente no meu espirito uma impressão dolorosa. Escondi-me debaixo do lençol, e desatei a chorar tambem muito baixinho!

Só adormeci, quando minha tia Magdalena se retirou; mas, pela noite adiante, se accordava, voltava logo os olhos para o leito de minha mãe, ouvia-a ainda a soluçar, e via-a estremecer toda, debaixo da roupa.

No dia seguinte, todas as pessoas de minha casa andavam tristes, fallavam baixo — tal e qual, como quando tinha morrido meu avô!

Muitos annos depois, quando minha tia Magdalena expirou, contou-me minha mãe o que se passára n'essa noite.

Minha tia era casada, em segundas nupcias, com um homem mais novo quinze annos do que ella. Nos primeiros tempos não havia esposo mais amoravel. A differença de idades fazia até que da parte d'elle ao respeito de marido se reunisse uma obediencia affectuosa de filho.

Ella então amava-o, estremecia-o, idolatrava-o!

Um dia, porém, houve no seu coração um sobresalto terrivel. Desconfiou que o marido a trahia. Passou dias horrorosos, crueis, tendo de occultar aos olhos d'elle a dôr surda da desconfiança. Aquella dissimulação constante, a todas as horas do dia, dilacerava-a e minava-a como um cancro!

De uma vez o ciume venceu todos os outros sentimentos da sua dignidade, e minha tia, fóra de si, anciosa, febril, quasi louca, procurou, farejou por toda a parte, nas gavetas, nas carteiras, nos bolsos, um vestigio qualquer que lhe confirmasse as suas suspeitas. Imagine-se a tortura d'aquelle coração!

Foi a tremer, sem tomar follego, com as pupillas dilatadas, que ella encontrou e leu avidamente uma carta que denunciava tudo.

N'essa carta era assim designada minha tia pela amante do marido: *la pauvre vieillote!*

Quando leu aquella phrase perversa, em que havia um ultrage á sua dignidade de esposa e uma falta absoluta de respeito aos seus cabellos brancos, a pobre senhora soltou um grito dilacerante, como se um estylete acerado lhe varasse de repente a fibra mais melindrosa do seu coração.

Assaltou-a a idéa terrivel do suicidio. Mas, quando ia a fugir d'aquella casa, que lhe parecia vacillar debaixo dos seus passos, sentiu-se de repente presa para traz. Voltou bruscamente o rosto, e viu o filhinho mais novo, que tinha saltado do berço, e viera, com os pésinhos nus, em camisa, prender-se-lhe ás prégas do vestido, pedindo com um sorriso de cherubim:

— Mamã, mamã, collo!

Não pôde resistir! Com o filho nos braços, lavada em lagrimas, recordou-se então de ter visto um dia aquella mulher fatal.

Fôra uma noite d'um camarote do Circo de Santo Antonio, estando ao lado de seu marido.

Em baixo, na arena, uma mulher de cabellos loiros engrinaldados de flores, deslumbrante de formosura, era arrebatada sobre um enorme cavallo pigarço, que circulava a toda a brida, ao som entusiasta e vertiginoso de um galope. Com uma saia muito curta e tufada, de gaze côr de rosa, que lhe cingia os quadris como uma nuvem transparente, Angeline equilibrava-se, com a ponta d'um pé sobre o teliz de velludo azul franjado d'oiro, os braços nus arqueados no ar, a sorrir, lançada para traz, na attitude phantastica de uma sylphide vaporosa que perpassa.

Os palhaços, pintados d'alvaiade, oppunham á sua passagem grandes circulos de papel de seda, que Angeline atravessava rapidamente, de um salto, a pés juntos, rasgando-os, e surgindo mais gloriosa, mais triumphante, como uma apparição d'entre a rosea sublime d'alvorada.

Oh! era uma loucura!

Na platéa, nos camarotes, nas galerias, por toda a parte, homens de pé, doidos d'enthusiasmo, applaudiam Angeline com uma tempestade de palmas!

E ella, a offegar, muito cançada, sentada nas ancas do cavallo, que caminhava a passo, a esbofar, de cabeça oscillante, agradecia radiante de jubilo, espalhando beijos, mil beijos:

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



EM CORROIOS — PAIZAGEM — Quadro de Henrique Pinto (Desenho do mesmo auctor)

tentadores nas pontas dos seus dedos cõr de rosa!

Foi então que o marido de minha tia se levantou de repente no camarote, estendeu os braços, e começou a gritar, batendo palmas: — Bravo! bravo! bravo, Angeline!

Seis mezes depois de minha tia Magdalena ler a carta, preveniu-a o marido de que resolvera trazer para casa uma mestra franceza para educar os filhos. E, sem attender ás objecções dolorosas da mulher, entrou no dia seguinte em casa na companhia de Angeline.

Depois, uma velha criada de minha tia, sentindo, alta noite, passos na cozinha, desceu pé ante pé as escadas, e foi espreitar á porta, receiosa de que andassem ladrões em casa.

O que ella viu!

Angeline, em saias brancas, com os cabellos soltos em desalinho, muito pallida, a tremer, as feições transtornadas, moia vagorosamente com uma torquez um pedaço de vidro, que ia cahindo desfeito em pó sobre um prato.

A pobre velha estremeceu toda, e sentiu-se quasi estrangulada, como se duas valentes mãos invisiveis lhe apertassem de repente a garganta. Recuou instinctivamente cheia de terror, quasi gelada, com os cabellos de pé! Foi na noite immediata, não tendo comido nada, nem deixando comer os filhos durante o dia, que minha tia Magdalena appareceu em minha casa, a chorar com duas creancinhas ao collo, pedindo agasalho!

Tres dias depois da romaria de Santo Antonio dos Olivaes, quando eu ia a passar na diligencia em Sargento-Mór, vi parado á porta de uma taberna, que fica á beira da estrada uma especie de carro d'estafeta, coberto com um toldo abaulado de lona encerada. Dentro da tasca, abancado com outros freguezes, o saltimbanco hespanhol comia e bebia á farta, cantando canções maliciosas:

*Hay amores por capricio  
Amores por ilusiones. .*

Cá fora, debaixo d'um sol tropical de junho, estava mademoiselle Angeline, diante da égoa, a chegar-lhe um molho de herba, que a pobre besta, presa entre os varaes do carro, abatida

pelo calor e pela fadiga, regeitava melancolicamente, voltando a cabeça para o lado!

E, enquanto eu pensava, cheio de commiserção, no triste fim d'aquella mulher, aos pés da qual, vinte annos antes, alguns homens ricos e felizes atiravam punhados d'ouro, — perdia-se pela estrada, ainda ao longe, a voz rouquenha do saltimbanco, que terminava:

*Hay amores que se alquilam  
Como los coches simo... nes!*

ALBERTO BRAGA.

## BIBLIOGRAPHIA

LA ILUSTRACIÓ CATALANA.—Temos recebido os primeiros numeros d'esta nova publicação periodica, com que a laboriosa capital da Catalunha assegura cada vez mais a sua individualidade e a persistencia da sua lingua tão singular. Por enquanto achamos bem cumprido o seu programma; e quando outras razões seculares e historicas, nos não excitassem a sympathia por aquelle energico e laborioso principado, bastava a recommendal-o ao nosso espirito, ser mais uma prova da sua pujante nacionalidade. Desejamos-lhe longa vida, prospero successo e a continuacão da sua amavel correspondencia.

CONTOS D'ALDEIA, por Alberto Braga. — Esta colleccão, de que fazem parte alguns trechos publicados nas columnas do nosso quinzenario, é mais uma affirmacão das bellas faculdades litterarias do author. Conhecimento local, linguagem propria, singeleza da narrativa, pureza e delicadeza do estylo, e sentimento profundo constituem o encanto d'este bello ramalhete.

A GRAPULA, poema por Placido d'Abreu, brasileiro. — Achamos o quadro repugnante, mas não obstante isso vemos que o auctor concebe com alguma força e expõe com certa ousadia. A sua versificação é fluente, apesar de algumas incorrecções de estylo e de linguagem; tem, o que não é raro nos noveis escriptores, alguns desmandos, comparações abstrusas e outros senões que com o tempo, e uma melhor percepção do gosto, poderá vir a emendar.

METHODO SIMULTANEO DE LEITURA E ESCRITURA. — São já tantos os methodos de leitura e escripta, que nem já sabemos qual é o melhor, e qual o peor. Entré uma verdadeira dedicacão pelo ensino, apparecem de mistura as especulações do mercantilismo litterario e professional, o

peior de todos. É por isso que mal nos sabemos determinar na escolha. Não julgamos que a tentativa do sr. Branco Rodrigues esteja destinada a fazer alteracão nos methodos do ensino, nem nos parece a sua opiniao e systema o mais adquado ás nossas creanças. Sabemos que tem tido alguns apologistas lá fóra, mas não tanta generalisacão como o auctor assegura, porque, especialmente na Allemanha onde o character da letra escripta, é tão diverso do da letra impressa, mal comprehendemos como se pôde passar sem esforço de um para o outro. Por esta occasião diremos que compete aos poderes publicos fazer um severo estudo sobre este importante ponto, affirm de se poder introduzir uma certa ordem, methodo e simplicidade, pelo menos no ensino official. O conselho de instrucção publica deve ser cuidadoso em estudar estes assumptos, e rigoroso na approvação de tantas obras submettidas ao seu exame algumas das quaes tem verdadeiro merecimento, nas outras até estão eivadas dos erros mais grosseiros.

## AVISO

É correspondente d'esta empresa em Pariz, M.<sup>me</sup> V.<sup>ve</sup> Aillaud Guillard & C.<sup>ie</sup> — Rue St. André des Arts, 47 — onde se recebem assignaturas para este jornal.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Quem caminha por atalhos nunca sae de sobresaltos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 4